

COLABORAÇÃO DA LINGÜÍSTICA PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Lêda Terezinha Martins
Universidade Federal de Santa Maria

O início do século XX é marcado por uma drástica mudança de conceitos e idéias, principalmente na Física, e que ainda está sendo elaborada nas atuais teorias da matéria. Os novos conceitos provocaram profunda transformação em nossa visão de mundo: passamos da concepção mecanicista para uma visão holística, isto é, à compreensão da realidade em função de totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas a unidades menores.

Na tentativa de aprender essa nova realidade, o homem toma consciência de que seus conceitos básicos, sua linguagem e todo seu modo de pensar são inadequados para descrever o mundo que agora se apresenta.

Podemos afirmar que o século XX foi um período de crise, não só intelectual, mas sobretudo emocional e existencial. Em última análise, passamos hoje por uma crise de percepção derivada do fato de tentarmos, ainda, aplicar os conceitos de uma visão de mundo ultrapassada – a visão mecanicista – a uma realidade que já não pode ser entendida em função desses conceitos.

A atitude básica da ciência moderna, principalmente no que diz respeito à Física, é que todos os conceitos são aproximados. A teoria quântica revela um estado de interconexão essencial do universo. Ela mostra que não podemos decompor o mundo em suas menores unidades capazes de existir independentemente. Segundo Capra (1983), à medida que penetramos mais e mais dentro da matéria, descobrimos que ela é feita de partículas, mas essas partículas não são "blocos de construção básicos"; são idealizações úteis de um ponto de vista prático, mas desprovidas de significado fundamental. Nas palavras de Bohr, "partículas materiais isoladas são abstrações, sendo que suas propriedades só podem ser definidas e observadas através de sua integração com outros sistemas".

Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual fenômenos biológicos, psicológicos, sociológicos e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse

mundo com adequação, é necessário ampliar nossa visão, e isso só é possível através de uma multi e interdisciplinaridade. Necessitamos de um novo "paradigma" – uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepção e valores.

Se o universo físico é, como o próprio nome indica, uma unidade orgânica, onde nada existe isolado, essa unidade também deve ser buscada no universo lingüístico. Assim como o homem moderno, para ultrapassar a crise na qual se encontra, precisa perceber a unidade da totalidade de todas as coisas, precisa redescobrir o todo que tudo integra, nós, pesquisadores, professores e estudiosos da linguagem, precisamos redescobri-la como expressão do homem que a cria e recria a cada instante.

Se hoje temos consciência da crise por que passa o ensino de língua, temos também a possibilidade de perceber sua origem e temos já condições de modificar a atual situação, pelo conhecimento das teorias lingüísticas, que procuram focar a língua como expressão da totalidade.

Nos estudos lingüísticos do século XX, podemos distinguir duas tendências: a lingüística estruturalista e a pós-estruturalista. No estruturalismo, a atenção está voltada para o sistema lingüístico, ao passo que no pós-estruturalismo enfoca-se o estudo da língua no homem, privilegiando-se as noções de discurso e texto, enquanto produtos textuais discursivos e enquanto processos de produção.

A noção de língua como sistema de signos arbitrários e convencionais, essencialmente racionais, provém dos filósofos franceses do século das Luzes, inspirados pelo racionalismo que domina o pensamento, desde o século anterior. O centro organizador de todos os fatos da língua, o que faz dela o objeto de uma ciência definida, situa-se no *sistema lingüístico*, o sistema das fórmulas fonéticas, gramaticais e lexicais. Para os lingüistas do começo do século, o que interessa não é a relação da palavra com a realidade por ela refletida, ou com o indivíduo que a engendra, mas a relação de *palavra para palavra* no interior de um sistema *fechado* aceito e integrado. Em outros termos, só lhes interessa a lógica interna do próprio sistema lingüístico; este é considerado, assim como na lógica, completamente independente das significações ideológicas que a ele se ligam.

Tal atitude do homem frente à língua originou a descrição do sistema por itens, tipo fonologia, morfologia, sintaxe etc.; levou à divisão do fenômeno lingüístico em objetos isolados, levou à fragmentação, à especialização. Na realidade, a especialização foi e é importante; ela é necessária para que se possa enfrentar com sucesso nosso

ambiente de todos os dias. É útil, principalmente, do ponto de vista didático. Mas não podemos esquecer que essa fragmentação não é uma característica fundamental da realidade. Trata-se, na verdade, de uma abstração elaborada por nosso intelecto, que tende à discriminação e à categorização.

A língua, de maneira qual, é uma abstração. Os únicos elementos "palpáveis" são sons e letras – o que levou, num primeiro momento, ao estudo da Fonética e Fonologia.

Em Fonética, inicia-se sempre pela definição de som, que é o resultado de um corpo que entra em movimento. É energia que se propaga em ondas, num meio elástico. No caso do som da fala humana, o corpo que entra em movimento são as cordas vocais e, portanto, a energia que se propaga é uma energia humana. Se o homem nunca é o mesmo, ele jamais vai emitir um som da mesma forma que já emitiu antes; e se cada homem é único, ninguém emite som que outros já emitiram. É por isso que se diz que o estudo de Fonética é o estudo das variabilidades. Apesar das nacionalidades, em aula de Fonética ensina-se uma classificação acústica e articulatória dos sons.

Em geral, o aluno decora essa classificação, acredita ter aprendido Fonética, e nem percebe que aquela classificação, na realidade, é uma espécie de mentira, é uma convenção. Esquece que o som é uma energia, que é energia humana, que se propaga, que entra em harmonia com outras energias e entra em choque com outras. Esquece que em determinadas circunstâncias o eco acontece e, em outras, não. E por que esquece disso tudo? Justamente por fixar a atenção numa parte, sem perceber que isso faz parte de um todo. Focalizando a parte, altura, intensidade, timbre, ressonância, eco, ruído, tom, som, vogais e consoantes não passam de conceitos memorizados e sem a menor utilidade.

Se ninguém emite o mesmo som em momentos diferentes, e ninguém emite sons que outros já emitiram, como é, então, que a gente se entende? E aí entra a Fonologia: apesar das variabilidades, o homem distingue traços invariáveis que definem cada unidade.

Essas unidades, apesar de negativas, isto é, apesar de não terem um significado, são responsáveis pela distinção de signos. Cada qual tem seu lugar, suas possibilidades combinatórias e cada qual, *insignificante*, é responsável pela significação. Unidades abstratas, os fonemas concretizam-se nas energias pensamento e som. E como energia, propagam-se e criam coisas no mundo através da palavra.

Mais uma vez, podemos notar que essas noções não se aplicam somente à Fonologia, não são tão específicas como parecem ao serem estudadas numa disciplina em particular; são muito mais abrangentes.

Sons, fonemas, sílabas (combinatórias) e palavras: chegamos à Morfologia: estrutura do vocábulo, morfemas (lexemas e gramemas) – unidades mínimas de significação, mas seriam elas portadoras de significado isoladamente? E as classes gramaticais, são fixas? Um substantivo é sempre um substantivo? O que transforma um verbo num nome? É só a anteposição de um artigo, ou envolve problemas importantes de foco, de significado, de produção de sentido? Mais uma questão: a formação de palavras só se dá por derivação e composição? Se assim fosse, como poderíamos explicar o tão freqüente neologismo semântico? No que diz respeito ao significado da palavra, ele é único? É um conjunto de possíveis significações? Ou, indo mais longe, o significado está mesmo na palavra? Para responder a essas perguntas, devemos pedir ajuda à Sintaxe.

Ao falarmos em sintaxe, lembramos logo dos termos da oração, e cabe aqui a pergunta: Será que não temos dado muita ênfase aos termos e com isso acabamos transformando o sujeito-aluno num objeto no mundo? Será que não abafamos o agente, transformando-o em paciente diante da vida?

Período simples, período composto, o que os diferencia? É só o número de orações? O que é coordenação? O que é subordinação? Será que, ao ensinarmos período composto, estamos ensinando ao aluno o valor de uma ação coordenada e o valor que tem a subordinada em relação à principal e em relação às outras orações do mesmo período? Será que conseguimos transmitir a importância, a necessidade e as conseqüências da escolha de cada tipo de construção?

Outras perguntas devem ser feitas. O significado da oração é a soma do significado das palavras que a formam? O significado do período é a soma do significado de suas orações? É à Semântica, então, que vamos recorrer. E, de repente, nos deparamos com perguntas que são ordens, com negações que afirmam, com afirmações que negam, com grandes falas que nada dizem ou com silêncios bastante significativos.

O estudo desses casos leva-nos à Pragmática, ao estudo da fala como ato. Acabamos percebendo que o "dizer é fazer", mas percebemos também que isso só ocorre dependendo da situação. Muita coisa certa é dita em hora errada, e quantas vezes dizemos a alguém algo que deveria ser dito a outra pessoa.

Passamos à Análise do Discurso, e vamos notando, por exemplo, que, em determinadas situações, perguntas são feitas não em busca de respostas, mas simplesmente para mostrar conhecimento ou para levar o outro a repensar o que está fazendo, ou dizendo. Notamos, às vezes, que dependendo do interlocutor, deve-se dizer "A" para que ele faça "B", ou deve-se dizer "A" porque é isso que ele quer ouvir, ou porque é isso que esperam que a gente diga.

É interessante observar como a linguagem é um jogo, é uma construção de coisas e situações, é uma contínua reconstrução de realidades, é uma teia de relações que acaba tecendo nosso mundo, nossa visão sobre o mundo, nossa maneira de estar, de atuar e de ser no mundo. O estudo do texto – dessa tessitura – é uma forma de abordar a linguagem.

Cada uma dessas disciplinas contribui para que outro aspecto seja desenvolvido. Nesse sentido, a fragmentação, a especialização é importante. Mas só é importante na medida em que nos leve a entender, cada vez mais, a língua como um todo. Ela é um todo significativo.

No que diz respeito ao significado da palavra, podemos afirmar que ele se dissolve em padrões de probabilidade, e esses padrões não representam probabilidades de coisas isoladas, mas sim, probabilidades de interconexões. Somos forçados a encarar o universo lingüística não sob a forma de uma coleção de palavras, mas em vez disso, sob a forma de uma complexa teia de relações entre as diferentes partes de um todo unificado.

Numa visão holística, em que se propõe o estudo da língua em função de totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas a unidades menores, a palavra torna-se algo diverso daquilo em que, até bem pouco tempo, se acreditava. Não é mais um objeto separado do restante da língua, é uma expressão da unidade de tudo aquilo que conhecemos e que constitui nosso universo de experiências, nosso universo de crenças, nossos mundos possíveis. A palavra é um conjunto de relações que se voltam para fora em direção a outras coisas. As palavras são processos e não objetos analisáveis isoladamente. A palavra é como um complicado tecido de eventos, no qual conexões de diferentes tipos se alternam, ou se sobrepõem, ou se combinam, determinando, assim, o texto – a textura do Todo.

É importante que tanto professores como alunos tenham consciência de que a compreensão da linguagem como um todo nos leva à compreensão daquele que a cria e recria a cada momento. Leva-nos à compreensão do ser humano: como ele vê o mundo,

como ele quer que esse mundo seja visto, o que ele é incapaz de ver, o que não quer que seja visto, o que ele mostra, daquilo que vê e por que faz isso; quando ele vê o que quer e quando vê o que querem que seja visto; como reage diante do que vê e qual a reação que quer provocar a partir do que viu, ou do que foi obrigado a ver. Tudo isso (e muito mais) pode ser percebido através da linguagem.

A linguagem é um fenômeno complexo que recorre à coexistência de fatores, unidades e mecanismos diversos porém entrelaçados que montam a teia de geração e compreensão das diferentes manifestações discursivas atualizadora da intencionalidade comunicativa do locutor, possibilitando, inclusive, sua adequação à situação em que está inserido e em que precisa lingüisticamente atuar.

Fragmentar o estudo das manifestações lingüísticas textuais em procedimentos descritivos isolados, só pode trazer para o aprendiz, principalmente se for aluno do curso de Letras, um dissociação dos recursos coesivos e coerentes que dão ao texto sua unidade organizacional.

Esse aluno, em específico, necessita ter um conhecimento básico dos níveis lingüísticos de descrição e análise da língua, segundo o enfoque estruturalista propõe, uma vez que lhe monta um painel mais pormenorizado dos recursos com que pode operar, principalmente na sua prática de magistério.

Porém, inadequada é a forma como vem sendo proposto esse ensino. Há necessidade de se considerar que a parte só tem sentido no todo, pois é este que determina sua função e o valor de que é investida.

Uma proposta de ensino de língua materna, em busca de mecanismos que possam analisá-la e, por que não, descrevê-la, de uma forma mais adequada, mais próxima da realidade discursiva do próprio usuário, seria uma inversão do processo, partindo-se do todo para, nele, analisarem-se as partes. A gramática pelo e em função do texto amplia as possibilidades do aluno em relação à compreensão do texto e à sua organização (principalmente microestrutural) nos exercícios constantes, contínuos e necessários de leitura e redação.